

ENTREVISTA/Pachecão

O jeito Pachecão de ensinar

Fotos: Divulgação

Ele é um sucesso de vendas de CDs. Suas músicas misturam ritmos os mais variados possíveis com letras cheias de duplo sentido. Mas José Inácio Pereira da Silva, o Pachecão, nunca foi cantor. Seu território é a sala de aula. Ele ensina Física em cursinhos de pré-vestibular de Belo Horizonte há 20 anos. A ligação com a música veio em 1982, quando ele decidiu criar um modo diferente de ensinar. Colocou nas canções as fórmulas e conceitos básicos da Física. Seu primeiro CD, gravação independente, veio 15 anos depois e vendeu nada menos do que 50 mil cópias. Tamanha vendagem chamou a atenção da mídia. Em novembro de 1997, ele regravou o CD pela Polygram e vendeu outras 20 mil cópias. O segundo, *Adoro Física*, que acaba de ser lançado, já está nas lojas, em todo o País, a um preço médio de R\$ 13. "Pelo menos o preço é de grande artista", brinca. Pachecão é assim dentro e fora da sala de aula: descontraído, brincalhão. Mas suas aulas dão resultado. O índice de aprovação dos seus alunos nos vestibulares é bastante alto. E ele defende que já está mais do que na hora de os professores mudarem o jeito de ensinar Física e acabarem de vez com a imagem de bicho-papão desta matéria no vestibular.



"A nossa Física está fora de contexto. O professor não traz a matéria para o cotidiano do aluno, fica só imaginando as coisas"

Pachecão, eu li que você fez nada menos do que 13 vestibulares...

Você deve ter achado que eu tinha algum problema mental, né? (risos)

Não, mas eu fiquei me perguntando: Depois de tantos cursinhos, por que você decidiu ser professor de Física?

Eu passei três anos e meio fazendo cursinho e lembro que eu ficava na sala de aula, olhando para o professor, mas a minha cabeça estava longe, eu estava viajando, como muitos estão hoje. E os professores que mais chamavam a minha atenção eram aqueles mais animados,

mais vibrantes. Eu decidi ser professor no último dia de aula do último cursinho que eu fiz. O professor de Português chamou a gente pra cantar na sala de aula. Faltavam dois minutos para acabar a aula, o vestibular era no dia seguinte, Ninguém se manifestou e aí eu levantei o braço para ir lá cantar com ele. Depois daquela vibração toda eu falei "puxa vida, que emocionante". Naquele momento eu decidi ser professor de pré-vestibular. Agora, eu decidi ser professor de Física porque a matéria era um desafio para mim também, eu odiava Física. Decidi ser um professor vibrante, para fazer com que essa matéria, que é tão cretina,

fique uma coisa mais fácil.

Por que a Física continua sendo o terror dos pré-vestibulandos, junto com a Matemática e com as outras matérias de Exatas?

Pela maneira como estas matérias são ensinadas no segundo grau. Veja bem: você pode tornar uma matéria gostosa ou complicada. Como professor, eu me incluo nesta responsabilidade. Quando se fica em uma sala de aula imaginando isto e aquilo, poucas pessoas conseguem se interessar e acompanhar o raciocínio. Conclusão: a aula fica maçante, difícil, e o aluno perde o interesse. O que

nós, professores, temos de fazer para que esta aula fique interessante? Primeiramente, é preciso um bom laboratório na escola. Sair do esquema sala de aula e quadro negro e levar o aluno para mexer nas coisas. Se nós

vamos falar de eletricidade, vamos montar um circuito elétrico, vamos colocá-lo para tomar um choque, para ele saber que o elétron é mesmo um cara muito

CONTINUA NA PAGINA 4

nervoso, entende? (risos).

E como a Física está sendo ensinada hoje, de maneira geral?

O que acontece é que a nossa Física está fora de contexto, quer dizer, o professor chega na sala e começa a falar de coisas abstratas, não traz a Física para o cotidiano das pessoas. Então o aluno vê um carro andando, uma televisão, e não associa com a matéria. Além disso, na maioria das escolas, as disciplinas estão todas separadas, não há a interdisciplinaridade, que as universidades estão começando a cobrar nos vestibulares. Aí, quando o aluno chega na hora da prova e vê uma questão que envolve Física, Biologia e Química ao mesmo tempo, ele pensa: "Não sei fazer isso, não aprendi essa matéria".

Mas nós temos uma realidade, nas escolas públicas em geral e em algumas particulares, que é muito ruim. Poucas têm laboratórios e, quando têm, são precários. Como é que o professor vai fazer para driblar essa dificuldade e ensinar a Física de uma maneira eficiente para o aluno?

Você tem razão. O professor fica sem saída e acaba optando pelo esquema trivial. Chega na sala de aula, põe as fórmulas no quadro, explica o bê-á-bá da ma-

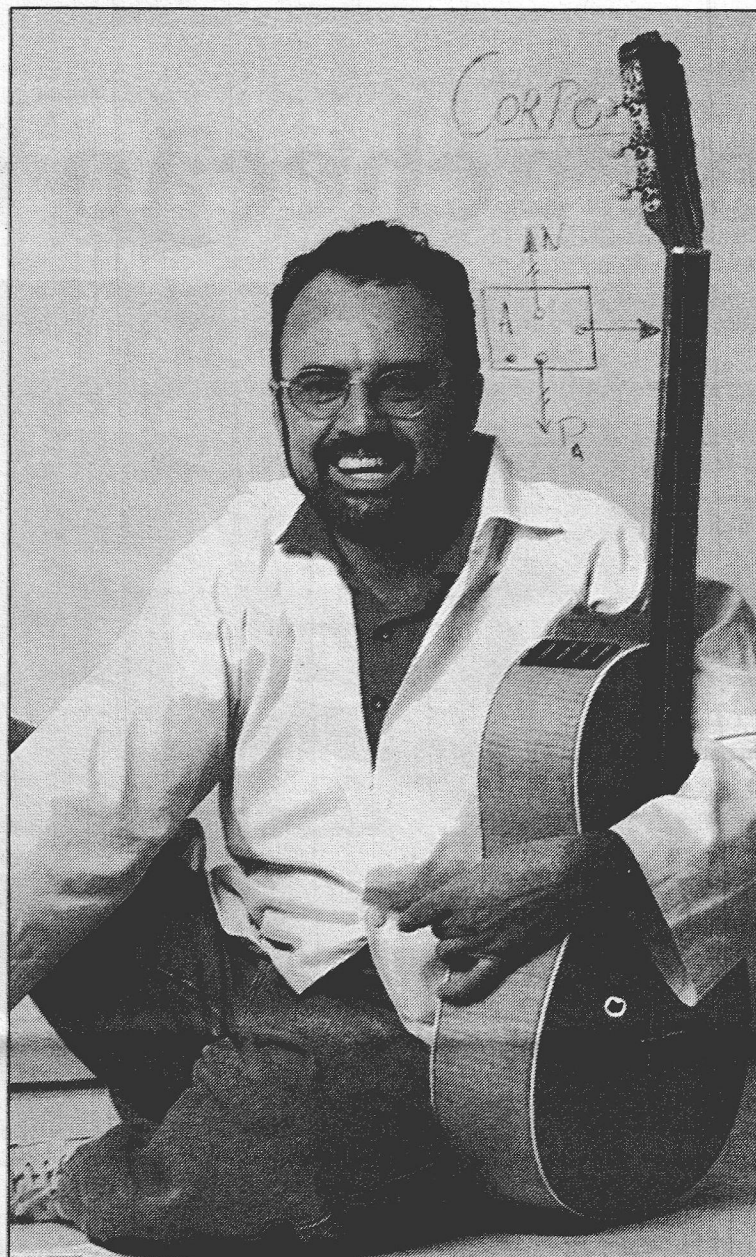
hoje cobram teoria e raciocínio. A teoria eu tento passar com a música, porque tem uma parte da Física em que não há como fugir da decoreba.

E a música é mesmo eficiente para o aluno aprender?

Com certeza. Eu já fiz testes com isso. Por exemplo, eu dou aula em um cursinho em Belo Horizonte que fica num prédio de dois andares. Uma vez, resolvi experimentar. Então, em cima eu cantava e embaixo, não. Depois fiz um simulado e comparei o rendimento dos alunos, até porque a direção da escola também queria saber se o meu método era mesmo bom. E eu percebi que os alunos das turmas onde eu cantava se saíram melhor do que os outros.

Você já sofreu algum tipo de crítica ou reclamação por causa das músicas?

Já. Alguns professores das outras matérias reclamavam por causa do barulho, diziam que não conseguiam dar aula quando eu estava na sala ao lado. Também já tive que sair de um cursinho porque a direção não aceitava meu método de ensino e eu me recusei a mudar. O cursinho onde eu fiz o simulado com os alunos precisou fazer isolamento acústico das salas de aula. Mas



Física. O primeiro CD conseguiu fazer com que os alunos mudassem o seu posicionamento diante da matéria, daí eu mudei de "odeio" para "adoro".

E é possível fazer um jovem de 17, 18 anos gostar de Física quando chega ao cursinho, depois de ele ter sido traumatizado no segundo grau?

É possível. Se você começa não a forçar o aluno a aprender aquelas fórmulas, mas a questionar por que aquilo acontece, aí fica bem mais fácil. Acho que, em breve, a Física vai deixar de ser o bicho-papão do vestibular.

Você conhece outros professores que se deixaram influenciar por você e começaram a usar a música na sala de aula?

Depois que eu comecei a viajar pelo País divulgando o meu CD, a convite de cursinhos de vários estados, eu descobri várias pessoas que ensinavam com música. A maioria já fazia isso antes, mas não tinha coragem de se expor. Estes professores conseguiram implantar seu método de ensino depois que a mídia começou a me apoiar e mostrar meu trabalho. Muita gente me liga, querendo saber como são as minhas aulas, como é que faz e tal...

"Se o professor muda dentro de sala, o aluno passa a gostar da matéria. Digo isto porque dá certo. Se não desse, não estaria fazendo"

téria, os alunos fazem os exercícios e saem de lá com a sensação de que aprenderam. Mas, quando chegam no vestibular, como na USP, UFMG, UFRJ e na própria UnB, que cobram questões de raciocínio, eles dançam. Então, eu sugiro que o professor saia das quatro paredes, que, pelo menos uma vez por semana, ele saia da sala de aula e leve o aluno nem que seja para o pátio da escola. Se puder fazer uma viagem, melhor ainda. Ele tem que ser artista mesmo, fazer alguma coisa para atrair a atenção do aluno. Eu tento fazer o máximo para mostrar a matéria na prática para os meus alunos.

É aí que entra a música?

É. Eu sei que o meu aluno tem que passar no Vestibular. A sociedade cobra, ele cobra, todo mundo espera dele um resultado positivo. Os nossos vestibulares

ele só fez isso porque o resultado do simulado foi bom.

E no Vestibular, como os alunos se saíram?

Olha, de 20 questões de Física que tinha o vestibular da UFMG na época — hoje são 12 —, eles acertaram cerca de 80%, em média. Alunos que não gostavam de Física começaram a acertar mais, principalmente as questões teóricas. Daí o diretor do cursinho deixou a coisa rolar e os alunos apoiaram integralmente.

Há quanto tempo você ensina com música?

Eu comecei a mexer com isso em 1982. No início era menos um pouco, porque eu ia compondo as músicas aos poucos. Toda vez que eu sentia que os alunos estavam com dificuldades em alguma parte da matéria, eu

fazia uma música.

E quais são os assuntos em que os alunos têm mais dificuldades?

Mecânica e Eletricidade, que são os assuntos mais cobrados nos vestibulares. São também os que têm maior número de conceitos teóricos e fórmulas.

É você quem compõe as músicas?

Sou. Se eu percebo que o aluno está viajando na matéria, eu tento chamar a atenção dele. Primeiro, eu tento explicar com aula mesmo, mas usando elementos do dia-a-dia dele. Depois, eu vejo o que o vestibular cobra da parte teórica e fecho a aula com uma musiquinha.

E a parte de raciocínio, como é que fica?

Esta parte é muito importante, porque é o que os vestibula-

res mais cobram atualmente. Mas, mesmo que não cobrassem, é obrigação do professor fazer com que o aluno entenda o que foi dito. Aí é onde entram as viagens, as saídas de sala de aula, textos para interpretação e o cotidiano do aluno.

Quantos CDs você já gravou?

Dois. O primeiro se chamava *Odeio Física*, que era a frase que eu mais ouvia dos alunos, então o título foi colocado para chamar a atenção deles. A primeira gravação foi independente e o CD vendeu 50 mil cópias. Depois que eu apareci na televisão, a Polygram me chamou, nós regravamos e vendemos mais 20 mil cópias, isso em novembro de 1997, depois que já tinham passado todos os vestibulares mais concorridos. O segundo CD, que já está nas lojas, se chama *Adoro*

E como você lida com os que fazem críticas?

Para quem condena, eu sugiro que faça um teste consigo mesmo. Que tire uma aula para fazer piadas — que tenham a ver com a matéria, é claro —, que estimule os alunos com uma aula mais descontraída, e observe os resultados. Se ele mudar a relação dentro de sala, muda também o posicionamento do aluno diante da matéria. Ele tem mais disposição para estudar em casa, começa a acertar mais questões, tudo isso porque o professor conseguiu prender a atenção dele mostrando o conteúdo de uma forma diferente. Eu digo isso porque sei que dá certo. Se não desse, eu não estaria fazendo até hoje.

VALÉRIA FEITOZA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA